



O ENSINO DA ESGRIMA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA UMA EXPERIÊNCIA DO PIBIB/FURB

Lucas Ebert Poleza; Patrícia Neto Fontes; Vera Lúcia Bucco de Liz

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relatar uma experiência de prática pedagógica vivenciada com o ensino da esgrima nas aulas do componente curricular Educação Física, no ensino fundamental da rede pública de Blumenau, pelos bolsistas do Programa PIBID/FURB/EDUCAÇÃO FÍSICA. Para o planejamento e intervenção nas aulas de Educação Física, buscamos aporte teórico no livro Visão Didática da Educação Física: Análises críticas e exemplos práticos de aulas, pois além de discutir criticamente o modelo de Educação Física que se tinha (tem), parece nos dar pistas de como promover uma prática educativa crítica nas escolas, modificando a prática existente. A partir desta experiência, percebemos que no exercício de planejar e desenvolver o processo ensino-aprendizagem com base na concepção de aulas abertas, o professor torna-se mediador e promove situações que estimulam os alunos exercitarem sua autonomia, adquirindo competência de decisão e resolução de problemas, favorecendo assim, o desenvolvimento de sua capacidade de ação.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; PIBID; Aulas abertas.

ABSTRACT

This work aims to report a pedagogical practice of lived experience with the teaching of fencing in class curriculum component Physical Education in elementary school Blumenau of the public, the Fellows Program PIBID / FURB / PHYSICAL EDUCATION. For planning and intervention in physical education classes, we sought theoretical support in the book Vision Teaching Physical Education: Critical analysis



and practical examples of lessons, as well as critically discuss the model of Physical Education who had (has), it seems to us clues as to promote a critical educational practice in schools, modifying existing practice. From this experience, we realized that in the year to plan and develop the teaching-learning process based on the concept of open classes, the teacher becomes the mediator and promotes situations that encourage students to exercise their autonomy, acquiring decision competence and resolution problems, thus favoring the development of its capacity for action.

KEYWORDS: *PE; PIBID; Open classes.*

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo informar de una práctica pedagógica de la experiencia vivida con la enseñanza de la esgrima en el componente currículo de la clase de educación física en la escuela primaria Blumenau del público, el Fellows Program PIBID / FURB / educación física. Para la planificación y la intervención en las clases de educación física, se buscó apoyo teórico en el libro Visión Enseñanza de la Educación Física: Análisis crítico y ejemplos prácticos de clases, así como por la crítica discutimos el modelo de educación física que tenía (tiene), nos parece pistas en cuanto a promover una práctica crítica de la educación en las escuelas, la modificación de la práctica existente. A partir de esta experiencia, nos dimos cuenta de que en el año para planificar y desarrollar el proceso de enseñanza-aprendizaje basado en el concepto de clases abiertas, el maestro se convierte en el mediador y promueve situaciones que estimulan a los estudiantes a ejercer su autonomía, la adquisición de competencias de decisión y resolución problemas, favoreciendo así el desarrollo de su capacidad de acción.

PALABRAS CLAVES: *Educación Física; PIBID; Clases abiertas.*



INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo relatar uma experiência de prática pedagógica vivenciada com o ensino da esgrima nas aulas do componente curricular Educação Física, no ensino fundamental da rede pública de Blumenau, pelos bolsistas do Programa PIBID¹/FURB/EDUCAÇÃO FÍSICA.

Tem se tornado cada vez mais comum encontrarmos em periódicos e eventos científicos na área da Educação Física e Educação, publicações que relatem boas e efetivas experiências de práticas pedagógicas no âmbito das aulas de Educação Física escolar que trate didático-pedagógicamente a cultura corporal de movimento. Entretanto, ainda presenciamos aulas de Educação Física que se traduzem por aulas livres², aulas tecnicistas³ e pelo ativismo⁴.

O subprojeto PIBID Educação Física da FURB⁵ desde seu início tem como objetivo favorecer a formação docente inicial de forma crítica e reflexiva superando o modelo técnico-instrumental, assim como a mudança nas práticas existentes nas aulas de Educação Física. Os bolsistas de iniciação a docência (acadêmicos) e os bolsistas supervisores (professores efetivos da rede pública) experienciam um processo contínuo de prática-reflexão-prática no cotidiano da Educação Básica para que se compreendam como construtores de suas práticas pedagógicas. Concordamos com Caparroz e Bracht (2007, p. 27), quando entendem que...

¹ Vigente pela Portaria n.º 96 de 18/07/2013, conforme Art. 2º, o PIBID “tem por finalidade fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria da qualidade da educação básica pública brasileira”.

² Aulas em que os professores levam os alunos a quadra ou outros espaços de aula para que possam se recrear livremente sem nenhuma preocupação de organização didático-metodológica.

³ A prática centrada no desempenho físico-esportivo foi amplamente criticada pelo movimento renovador da Educação Física que se “ancorava no pressuposto de que os corpos em movimento não podem ser compreendidos apenas pela sua mecânica da atividade física, pois eles expressam os significados partilhados por uma sociedade em um dado recorte temporal” (GONZÁLEZ, FRAGA, 2012, 41).

⁴ Atividades não refletidas com um fim em si mesmas e determinadas por uma rotina já consagrada (ALMEIDA, FERNSTENSEIFER, 2006).

⁵ O subprojeto Educação Física FURB iniciou no 2º semestre de 2011.



O professor não deve aplicar teoria na prática e, sim, (re) construir (reinventar) sua prática com referência em ações/experiências e em reflexões/teorias. É fundamental que essa apropriação de teorias se dê de forma autônoma e crítica, portanto, como ação de um sujeito, de um autor.

No campo da Educação Física, desde a década de 80 a partir do Movimento Renovador⁶, encontramos diferentes abordagens pedagógicas para subsidiar a prática pedagógica do professor. Rezer (2001, p. 09) afirma que “o exercício da docência em EF trata-se, inicialmente, de um esforço pedagógico, visto a necessidade de arregimentar diferentes conhecimentos para compor um processo de intervenção”. Neste sentido, tanto os bolsistas de iniciação a docência, quanto os bolsistas supervisores, ao construírem os significados de sua prática pedagógica, podem/devem dialogar com as contribuições de diferentes abordagens construídas no âmbito da Educação Física e suas possibilidades pedagógicas, ou seja, as diferentes Educações Físicas⁷.

Nesta experiência, tematizamos a prática corporal⁸ esgrima, com alunos do 3º ano do ensino fundamental, no 1º semestre de 2016. Para o planejamento e intervenção nas aulas de Educação Física, buscamos aporte teórico no livro *Visão Didática da Educação Física: Análises críticas e exemplos práticos de aulas* (GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe – UFSM, 1991), pois além de discutir criticamente o modelo de Educação Física que se tinha (tem), parece nos dar pistas de como promover uma prática educativa crítica nas escolas, modificando a prática existente.

⁶ Movimento surgido no início da década de 80, que ficou mais tarde assim conhecido, reuniu uma série de pensadores que ambicionavam livrar a Educação Física da condição de mera atividade pedagógica.

⁷ Rezer (2011) reflete sobre diferentes “formas-de-ser” da Educação Física (EF) na contemporaneidade, o que tem levado a constituição de diferentes “Educações Físicas” convivendo em um mesmo campo.

⁸ Desde o início dos anos 2000, proliferou o lançamento de referenciais curriculares no Brasil que tomaram o conceito de cultura corporal de movimento como ponto de convergência da organização dos conteúdos da Educação Física na escola (GONZÁLEZ, FRAGA, 2012).



CONCEPÇÃO DE AULAS ABERTAS NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Os autores do livro em questão defendem uma aula de Educação Física que: procura uma ligação do aprender escolar com a vida de movimento dos alunos; não olha para o esporte⁹ só como rendimento motor; consideram as necessidades e interesses, medos e aflições dos alunos, e que não os reduz a condições prévias de aprendizagem motora; mantém o caráter de brincadeira no movimento e na forma natural dos alunos, isto é, que faça com que isso se desenvolva na discussão social; considera a relação entre movimento, percepção e realização e que faça os alunos participarem do planejamento e da construção da aula.

Diferenciam concepção de aulas fechadas, orientadas: no professor, no produto; nas metas definidas e na intenção racionalista; e, concepção de aulas abertas, orientadas: no aluno, no processo, na problematização e na comunicação. Na concepção de aulas fechadas, os conteúdos são definidos sistematicamente e se orientam em formas de comportamentos estáveis e com qualificações previamente definidas e o ensino é entendido só como uma instrução ou ensino formal. Na concepção de aulas abertas, o professor admite que os alunos são pessoas que sabem atuar juntas e que devem entender-se conjuntamente quanto ao sentido das suas ações. Os alunos podem apresentar suas opiniões e realizar suas experiências que resultam das suas histórias individuais da vida cotidiana. Os temas de aulas devem ser abertos aos interesses e às experiências que os alunos adquiram nas suas histórias de vida. A aula de Educação Física deve se configurar como um sistema de ação aberto, sob o ponto de vista crítico de educação voltada para o desenvolvimento da capacidade de ação¹⁰, em que os

⁹ O livro em questão tem como foco a discussão do ensino do esporte nas aulas de Educação Física, entretanto, no subprojeto ampliamos a discussão para o ensino de outras práticas corporais.

¹⁰ “um sujeito que pode atuar nos diversos setores da sociedade, mas que, ao mesmo tempo, estejam interessadas no desenvolvimento de uma sociedade democrática e que sejam capazes de participar racionalmente na mudança desta sociedade”. (HILDEBRANDT, 1985, p.28)



professores e os alunos se entendam sobre o sentido das suas ações e, ao mesmo tempo, sobre os objetivos, conteúdos e métodos da aula. (GRUPO DE TRABALHO PEGAGÓGICO, 1991).

ENSINANDO ESGRIMA

O ponto de partida do projeto foi uma conversa com os alunos do 3º ano do ensino fundamental sobre as “Olimpíadas”. Perguntamos se os alunos sabiam o que aconteceria em nosso país este ano e que teria relação com as aulas de Educação Física, e, quase prontamente falaram sobre as Olimpíadas. Então perguntamos novamente: o que vocês sabem sobre as Olimpíadas? Basicamente, responderam que este evento acontecia de vez em quando, que eram feitos vários esportes, que era muito importante para o país, pois ficava conhecido no mundo inteiro e que os atletas ganhavam medalhas. A partir das colocações, perguntamos como podíamos fazer para conhecer mais sobre as olimpíadas e, assim, surgiu à ideia da realização de uma pesquisa sobre o tema.

O professor de Educação Física que quer abrir o ensino para seu “contexto social”, que quer estimular seus alunos a maior independência e espontaneidade, que quer fazer de suas próprias reflexões e intenções o padrão para a formação do ensino, precisa procurar “formas não-diretivas” da situação (Hildebrandt, Laging, 1986, p. 25).

Assim, o professor desenvolve nas aulas, ações problematizadoras de ensino-aprendizagem, organizadas, construídas e conduzidas de forma que os alunos interajam para identificar e resolver os problemas. “[...] desta maneira, a relação professor-aluno estabelece-se dentro de uma ação co-participativa que se amplia conforme o amadurecimento e responsabilidade assumida pelos integrantes do grupo” (Hildebrandt-Stramann e Laging, 1986, p. 11).

Na segunda aula, em roda de conversa, debatemos as informações trazidas pelos alunos: como surgiu e com que objetivo, há quanto tempo está sendo realizada as



olimpíadas, quais esportes serão disputados nesta edição e porque este ano acontecerão no Brasil. A partir destas informações, definimos com eles que estudaríamos nas aulas de Educação Física os Esportes disputados na Olimpíada Rio 2016. Como surgiu o interesse por diferentes modalidades esportivas e por uma questão de tempo, não seria possível desenvolver todos os esportes contemplados nos Jogos Olímpicos, os alunos decidiram fazer uma votação¹¹ para escolherem quais iriam estudar. Foram selecionadas as seguintes modalidades: Futsal, Esgrima, Badminton e Tênis de mesa. Optaram por iniciar os estudos com a Esgrima.

Buscando identificar o conhecimento prévio dos alunos sobre a Esgrima, ainda na roda de conversa, realizamos questionamentos como: O que sabem sobre a Esgrima? Como é praticado? Que materiais são utilizados? É possível praticar na escola? Percebemos em suas respostas e ao longo da discussão, que possuíam pouco conhecimento e muita curiosidade a cerca deste esporte. A fim de promover um aprofundamento dos conhecimentos, sugerimos aos alunos que na aula seguinte trouxessem essas respostas, pesquisando agora, somente a modalidade da Esgrima. Concordaram e então, para auxiliá-los nessa busca, determinamos o seguinte questionamento: o que vocês acham importante e interessante aprender sobre a Esgrima? Como resposta, identificamos como interesse dos alunos, os movimentos realizados, os materiais utilizados, o espaço de disputa, as regras, como surgiu e suas técnicas. Nesta aula, passamos a maior parte do tempo conversando¹², porém, ao final da aula, propiciamos uma brincadeira de pega-pega com bastões de plástico e com os espaços reduzidos para desenvolverem a noção espacial, tão utilizada no esporte.

¹¹ A bolsista supervisora já desenvolve suas aulas pautadas nas concepções de aulas abertas com esta turma desde 2015 e nessa situação, percebemos que os alunos já possuem certo grau de autonomia, favorecendo a tomada de decisão por parte deles sobre como decidir a situação em questão.

¹² “[...] a conversação em aula é uma condição prévia para o aprendizado com sentido, isto é, intencional, quando se entende aprender não só como um produto de processo de ensino, ou seja, intenções de professores” (GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe-UFSM, 1991, p. 39).



Na terceira aula, nem todos os alunos trouxeram a pesquisa, entretanto, surgiram novos tópicos que acharam interessantes¹³. Descobriram que a Esgrima possuía três tipos de espadas, sendo três modalidades diferentes, cada uma com sua regra. Expuseram também que eram necessários equipamentos de proteção para garantir a segurança. Damos continuidade problematizando com os alunos situações de movimentos¹⁴ da Esgrima de acordo com o que haviam pesquisado: Que espaços da escola podemos utilizar? Surgiram ideias de praticarem na quadra de esportes, utilizando as linhas e o pátio da escola. Como podem se movimentar neste esporte? E para quais direções? Neste momento, demonstraram na prática, de acordo com suas pesquisas como achavam que podiam ser feitos estes movimentos, e assim caminharam para frente e para trás. Outro questionamento: Como é o posicionamento dos pés e do corpo? Segundo eles, esta posição denominava-se “guarda”, em que consistia realizar uma base mais estável com as pernas, sendo que um dos pés deveria estar um pouco mais à frente do outro. Juntaram o posicionamento com as direções, realizando então o movimento descrito por eles de “marcha”. Apesar de entenderem conceitualmente o movimento, ao executá-lo, alguns tiveram certa dificuldade de compreender como funcionava a movimentação. Os alunos solicitaram a ajuda dos professores para que demonstrassem a execução.

No momento da reflexão¹⁵ desta aula, percebemos que mesmo com a pesquisa, discussão em grupo e vivência já realizada, havia por parte de alguns alunos, a

¹³ Neste momento percebe-se a aula orientada no aluno e na comunicação: “O professor abandona seu monopólio absoluto do planejamento e da decisão e oferece aos alunos espaços substanciais de ação e de decisão.” (Ibidem., 1991).

¹⁴ Nesta situação, destacamos a orientação das aulas nos problemas. “A aula orientada nos problemas tem origem numa situação problemática. [...] O importante é que as soluções não são fixadas anteriormente. Os alunos devem criar, experimentar e avaliar conjuntamente e com a ajuda do professor”. (Ibidem, 1991, p. 39).

¹⁵ Após todas as aulas, o grupo de bolsistas se reúne para analisar e discutir o desenvolvimento da aula, para identificar se os objetivos pré-determinados foram atingidos ou não e planejar como se dará a próxima aula. Ensino aberto também está subordinado à necessidade de planejamento, no entanto, os



dificuldade de compreensão dos movimentos. Na quarta aula, decidimos levar um vídeo¹⁶ para esclarecer as dúvidas. Após observarem o vídeo e discutirem os movimentos de “marcha” e “guarda”, os alunos os vivenciaram de forma mais significativa.

O vídeo também ilustrou movimentos de ataque e defesa, que haviam aparecido nas pesquisas, mas não tinham sido discutidos ainda. Eram os seguintes movimentos: afundo, estocada, parada e resposta (contra-ataque). Na quinta aula, iniciamos problematizando estes movimentos e também questionando quanto: O que vocês acham que falta para complementar a prática? A partir deste questionamento, surgiu a necessidade de utilizar as espadas. Inicialmente expusemos o problema de que seria inviável comprar estes equipamentos por serem muito caros e deixamos que achassem uma solução. A primeira ideia que tiveram, foi de construir seus próprios materiais e logo foi aceita por todos. Na sala de Educação Física, havia uma caixa cheia de pequenos pedaços de canos, cortados de bambolês velhos, que se encaixavam uns aos outros, mostramos estes materiais aos alunos e questionamos se era possível criarem suas espadas. Através de encaixes de três ou quatro pedaços, criaram uma haste razoável, mas que aos seus olhos, eram espadas perfeitas para praticar a Esgrima. “O esporte, assim, é pensado e deve ser considerado, na escola, como algo que pode ser criado com formas de ação não institucionalizadas” (GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe –UFSM, 1991, p. 38).

planejamentos e as execuções diferem enormemente quanto ao aspecto qualitativo. (HILDEBRANDT, LAGING, 1986)

¹⁶ A utilização do vídeo poderia ter sido co-decida com os alunos, entretanto, com a solicitação dos alunos para que demonstrássemos os movimentos, decidimos pelo vídeo. Hildebrandt (1986) apresenta diferentes possibilidades de como se construir o ensino da Educação Física, com diferentes participações de decisão, voltado para o aluno e para o professor. “O grau de abertura depende do grau de possibilidade de co-decisão. As possibilidades de decisão dos alunos são determinadas cada vez mais pela decisão prévia do professor”. (p.15)

ANAIS DO VIII CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE - Criciúma-SC – 08 a 10 de setembro de 2016
 Secretarias do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul)
 Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/8csbce/2016sul/schedConf/presentations>
 ISSN: 2179-8133



Em seguida, na quadra, iniciamos a problematização dos movimentos, os alunos optaram por começar com a estocada, pois consideraram ser este o movimento mais simples. Pedimos que nos explicassem como este movimento deveria ser executado e segundo eles, a estocada acontecia quando se estendia o braço e a espada tocava o adversário. Questionamos: como vocês acham que poderiam se organizar para praticar este movimento? Os alunos sugeriram dividir a turma, dar um número para cada um e em duplas, por sorteio, praticá-los. Praticaram então o segundo movimento, o afundo, que de acordo com os alunos, é também um movimento de ataque utilizado para se aproximar do adversário rapidamente, continuaram com as mesmas duplas. A técnica para a aprendizagem do afundo é fazer um gesto com o corpo inclinándolo para frente e estendendo bem o braço, novamente, percebemos que mesmo os alunos entendendo o movimento, tiveram dificuldades na execução. Intervimos, chamando todos de volta a roda de conversa, pedindo que explicassem novamente o movimento, mas executando-o lentamente a cada nova informação dita. Praticaram assim até compreenderem melhor, logo voltaram as suas duplas. O terceiro movimento era a parada, onde ocorria um bloqueio de um ataque, perguntamos então como este poderia ser executado. Como ideia, sugeriram que um da dupla fizesse uma estocada, assim, o outro defendia rebatendo uma espada na outra. O quarto e último chamava-se resposta, este, era o movimento de contra-ataque, que ocorre logo após uma parada. Os alunos compreenderam rapidamente, pois para eles “*era uma mistura da parada, com uma estocada logo em seguida*”. Decidimos então que o resto da aula ficaria livre para que vivenciassem a modalidade, variando todos os movimentos, utilizando as espadas construídas por eles e de acordo com o conhecimento que tinham adquirido nas pesquisas, na discussão em grupo e na observação do vídeo¹⁷.

¹⁷ Aula orientada no processo: “[...] o andamento da aula e as ações desenvolvidas é que estão no centro do interesse didático e, com isso, o modo pelo qual os alunos têm relação conjunta e relação com a matéria esporte. Trata-se das diversas maneiras para aprender e fazer o esporte, das possibilidades



Ao final desta aula, questionamos se era seguro realizar os movimentos somente utilizando as espadas e os alunos comentaram que existiam equipamentos de proteção para o corpo (colete) e para a cabeça (capacete). Comentaram que estes tem um custo elevado, portanto decidiram que poderiam adaptar, construindo estes equipamentos de segurança. Sugeriram materiais recicláveis como papelão, garrafas PET, entre outros. A tarefa deles então foi trazer estes materiais para iniciar a construção na próxima aula. A sexta e a sétima aulas foram utilizadas para a construção dos equipamentos e ao terminarem, utilizaram-nos para vivenciarem os movimentos aprendidos anteriormente. A etapa de criação dos materiais de Esgrima nos mostra que mesmo com estruturas rígidas e predeterminadas o esporte também pode ser “[...] entendido como um espaço aberto de ação e de movimento, no qual os homens realizam suas ideias e necessidades e podem alterar criticamente o esporte existente” (GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe –UFSM, 1991, p. 38).

Por mais duas aulas os alunos demonstraram motivação em praticar o esporte. Após estas aulas, percebemos que o interesse pela Esgrima estava diminuindo e questionamos se gostariam de mudar de tema e como faríamos para encerrar a modalidade. Responderam que gostariam de mudar de tema e um aluno sugeriu que organizássemos um campeonato para finalizá-la. Problematizamos para a organização do campeonato: Vocês sabem como se organiza um campeonato? Quais são as formas de disputa? Como são as regras? Podemos adaptar criando nossas próprias regras? Pesquisaram e trouxeram algumas informações sobre campeonatos. Decidiram em roda de conversa, as formas de disputa e as regras para o campeonato, após terem decidido e organizado as etapas, dividiram-se em duas equipes, numerando seus participantes e vivenciaram os confrontos em duplas a partir de sorteios. O campeonato desenvolveu-se ao longo de três aulas.

diversas para resolver problemas motores e sociais dos alunos e do professor e, com isso, da ação autônoma e social dos alunos” (GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe –UFSM, 1991, p. 38).



Ao término do tema Esgrima, uma aluna sugeriu que fizéssemos uma exposição dos materiais construídos, para socializar com as demais turmas da escola. Além disso, construíram um cartaz, dissertando tudo o que haviam aprendido e montaram no pátio da escola, durante o recreio, uma exposição com os equipamentos de segurança construídos e um texto explicativo sobre a sua utilidade.

As pesquisas realizadas e as informações trazidas pelos alunos e discutidas pela turma, a pedido dos bolsistas, foram registradas no caderno de Educação Física. A professora regente da turma teve acesso a este caderno, para que as informações registradas pelos alunos pudessem ser aproveitadas em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES

Os alunos do 3º ano do ensino fundamental de uma escola pública tiveram aulas Educação Física tematizando a prática corporal Esgrima, um esporte pouco conhecido e divulgado no âmbito escolar.

As aulas de Educação Física sobre Esgrima pautadas em uma concepção de aulas abertas, oportunizaram o ensino do conteúdo na dimensão conceitual (o que se deve saber?), na dimensão procedimental (o que se deve saber fazer?) e na dimensão atitudinal (como se deve ser?), ampliando assim o conceito de conteúdo, entendendo-o como o conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos na sua prática de vida (LIBÂNEO, 1994; COLL et al. 2000; ZABALA, 1998).

Na dimensão conceitual os objetivos de aprendizagem foram desenvolvidos, aprofundados e ampliados a cada aula, de acordo com o interesse dos alunos, pois discutiram e aprenderam a origem, suas regras, suas técnicas, organização de um campeonato e, ainda refletiram sobre a necessidade dos equipamentos de segurança. Na dimensão procedimental os alunos: experimentaram os movimentos da Esgrima;



vivenciaram o esporte de acordo com suas possibilidades, priorizando naturalmente o acesso de todos e a inclusão dos alunos com deficiência; construíram seus materiais para enriquecer a vivência durante as aulas; organizaram um campeonato para vivenciarem a prática da Esgrima e uma exposição para apresentar a toda escola suas aprendizagens. Na dimensão atitudinal, percebemos a participação ativa dos alunos nos debates expondo suas opiniões, a autonomia nas vivências, a interação e cooperação uns com os outros e o respeito com as opiniões e as diferenças dos colegas.

A partir desta experiência de prática pedagógica, percebemos que no exercício de planejar e desenvolver o processo ensino-aprendizagem através da concepção de aulas abertas, o professor torna-se mediador e promove situações que estimulam os alunos a exercitarem sua autonomia, adquirindo competência de decisão e resolução de problemas, favorecendo assim, o desenvolvimento de sua capacidade de ação.

As aulas de Educação Física podem ser planejadas de diversas maneiras, refletindo a concepção de educação e ensino do professor, que resultará em diferentes consequências sociais para a formação dos alunos. Considerar os desejos e interesses dos alunos, dando chances de intervirem no seu mundo, as aulas tornam-se mais pessoais e humanas, podendo contribuir para o desenvolvimento de novas relações sociais e político-pedagógicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Luciano de; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. O que ensinar e aprender nas aulas de educação física na escola? In: / Revista Digital – Buenos Aires – Año 11 – n° 102 – Noviembre de 2006. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd102/aulasef.htm> . Acesso em: 10 junho 2016.

CAPARROZ, F. E. ; BRACHT, V. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. Revista brasileira de ciências do esporte. Campinas, v. 28, n. 2, p. 21-37, janeiro 2007.



COLL, C. et al. Os conteúdos na reforma. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GONZÁLEZ, F. J.; FRAGA, A. B. Afazeres da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar. Erechim: Edelbra, 2012. 208 p.

GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe-UFSM. Visão didática da educação física: análises críticas e exemplos práticos de aula. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1991. 113 p.

HILDEBRANDT, R.; Reflexões pedagógicas sobre currículo em Educação Física. In: Revista Kinesis, nº 1. Santa Maria, UFSM, p. 27-34, Julho 1985.

HILDEBRANDT, R.; LAGING, R. *Concepções abertas no ensino da educação física*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986. 142 p.

HILDEBRANDT, R.; Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2005.

LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

REZER, R.; NASCIMENTO, J. V.; FENSTERSEIFER, P. E. Um diálogo com diferentes “formas-de-ser” da Educação Física contemporânea – duas teses (não) conclusivas... Pensar a Prática, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 1-14, maio/ago. 2011.

ZABALA, A. A prática educativa: Como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.